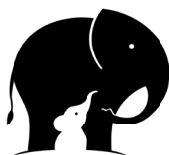




Legado

**Marilda &
Armando**

ARMANDO E MARILDA



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Valquíria Vita
Diagramação: Fabiane Reginato e João Luís de Oliveira
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal da família
Ano: 2022

www.historiasdevida.com.br



*“Melhor é viver cantando
As coisas do coração”*
João Nogueira e Martinho da Vila

Algumas histórias de amor são escritas nas estrelas.
Outras, são escritas juntas.

Armando Álvaro Galvani e Marilda Teixeira Galvani escrevem juntos a sua história de amor há quase 60 anos, dando singelas lições de companheirismo, paciência e aceitação.

E comprovando que os opostos realmente se atraem.
Ele é mais quieto, ela adora falar.

Ele gosta de ficar no sofá, ela tem a agenda cheia de compromissos.

Ele só usa celular para receber ligação, ela adora papear pelo WhatsApp.

Ele está quase sempre com frio, ela sempre suando.

É clichê dizer que um casal se completa. E talvez nem seja isso o que acontece com Armando e Marilda. No caso deles, as distintas personalidades foram, com a maturidade, aceitas e respeitadas pelo outro. Em seis décadas de convivência, eles aprenderam que a tolerância com as diferenças é justamente a chave para um relacionamento tão duradouro.

É algo como: "Eu te aceito como você é, você me aceita como eu sou. E nos amamos assim."

Devagar, devagarinho

“Marilda, cheguei bem aqui. Fazendo calor. Abraços, Armando. Porto Alegre, 6 de abril de 1964. The Western Telegraph Company”.

A mensagem curta, típica dos telegramas do passado, foi enviada de Armando para a namorada Marilda, que morava em São Paulo.

Durante dois anos de namoro, o relacionamento foi assim: por telegrama e por ligação, com alguns encontros pessoais, que eram ansiosamente aguardados.

Os jovens que nasceram em diferentes estados se conheceram durante uma das viagens de Armando a São Paulo. Ele, gaúcho de Porto Alegre, hospedava-se na casa dos tios e da prima que viviam em São Paulo quando ia visitá-los.

Coincidentemente, essa prima de Armando estudava com Marilda. E as duas, bem amigas, frequentavam a casa uma da outra. Foi ali o primeiro encontro do casal: em dezembro de 1964. “Não aconteceu nada ali, foi só aquele olharzinho, sabe? A gente se via na casa da tia dele, mas era um olhar diferente,” conta Marilda. “E foi recíproco,” lembra Armando: “Foi assim, amor à primeira vista.”

Após esses olhares, eles começaram a trocar algumas cartas. Ele mandou a primeira. Ela respondeu. E praticamente toda semana uma nova carta era escrita. Ao todo, mais de 200, guardadas quase 60 anos depois,

em uma organizada caixinha de sapato, onde todas estão numeradas e intercaladas: uma dele, uma dela.

A comunicação também acontecia via ligação telefônica, mas nos anos 60, época em que pouquíssimas famílias tinham o aparelho em casa, isso não era tão simples. Marilda tinha que telefonar para a casa da vizinha de Armando. "E a ligação de São Paulo demorava para chegar, não era na hora, como é hoje. Eu ligava para essa vizinha e tinha que ficar esperando a ligação. Ela avisava o Armando e ele esperava também", conta Marilda. "Ligava-se de manhã para ter a ligação de volta de tarde," lembra Armando.

Entre cartinhas e ligações a atração inicial foi aumentando e os dois começaram a pensar na ideia de namoro. Novamente, era um tempo em que as coisas eram feitas com mais calma. Então, mais de um mês depois daquele olharzinho, o pedido de namoro aconteceu em 21 de janeiro de 1965.

Sonho meu

Apesar de a personalidade mais expansiva ser de Marilda, foi Armando quem tomou essa iniciativa. Quando estava embarcando no ônibus em uma viagem de volta a Porto Alegre, despediu-se de Marilda dizendo:

"Quer namorar comigo?"

"Quero", ela respondeu.

“Quando chegar lá, eu te ligo”.

Não se importavam de ter de esperar as pelo menos 18 horas de viagem que ele teria que fazer de ônibus, mais algumas horas até que a ligação fosse completada, para poderem se falar de novo depois desse pedido. “Logo que ele foi embora para Porto Alegre, eu já contei para minha mãe e ele contou para os pais dele. A minha mãe gostava muito dele, ela até lia as cartas que chegavam junto comigo, porque era tudo muito juvenil e inocente,” conta Marilda.

Dizem que os maiores sacrifícios são feitos por amor. Para esse novo casal, os sacrifícios foram a distância que os separava, o tempo que esperavam para conseguir se comunicar e a quantidade de horas que Armando tinha que passar no ônibus para poder vê-la quando podia. Não só no ônibus! Certa vez, foi de Kombi com amigos, e em outra, foi de trem. Essa última levou três dias para fazer o trajeto.

Marilda não ia até Porto Alegre. Era um tempo em que o namorado tinha que ir até a casa da família da jovem, nunca o contrário. A não ser quando Marilda conseguia ir a Porto Alegre visitar um primo, acompanhada da mãe, Júlia. Nessas visitas, ela começou a conhecer a turma de amigos de Armando, com quem iria a muitas festas anos depois.

À distância, o namoro continuou por quase dois anos. E as visitas eram conciliadas quando eles tinham folgas dos respectivos trabalhos: Armando era contador de uma

empresa, Marilda era secretária de uma escola.

Armando, apesar de ser da área de exatas e trabalhar imerso aos números, sempre foi romântico. Todo dia 21, para comemorar o aniversário do pedido para a namorada, mandava uma caixa de bombom junto com o telegrama para Marilda. Era o chamado "Tele-Doce". "Nós só nos víamos de vez em quando, era sempre aquela ansiedade, acho que por isso que deu certo," diz ela. "Para mim, passou rápido. Começamos a namorar em 1964. Em 1965, noivamos, em 1966, casamos," contabiliza Armando.

Meu Laiá-Raiá

Os dois eram muito festeiros na juventude. Saíam com os grupos de amigos todos os finais de semana. Marilda, sociável desde sempre, rapidamente se encaixou no grupo. O casal também tinha outra paixão em comum: o futebol.

Mas apesar dos bons momentos, namorar em cidades diferentes cansava, e após algum tempo, eles acharam que já estava na hora de dar o passo que acalmaria essa rotina.

Como era de costume, o namorado pediu ao pai da noiva, Silvio, a permissão para se casar com ela. "E foi muito engraçado," conta Marilda. "Porque o Armando era gago e o meu pai era surdo."

O dia do pedido, na casa dela, Marilda e a mãe foram

para o segundo andar para que eles tivessem privacidade para a conversa. Demorou algum tempo até que Armando, que gaguejava quando estava nervoso, fosse entendido pelo sogro, que tinha problema de audição. Mas no fim, deu tudo certo. Marilda e a mãe foram chamadas e o pai disse que concordava com o casamento. Ele já gostava de Armando desde o início do namoro dos dois e sabia que ele faria a filha feliz.

Marcaram a data e o local: 16 de abril de 1966, na igreja de Santa Terezinha, em São Paulo. Durante a preparação do casamento, apenas uma preocupação: que o ex-namorado de Marilda aparecesse por lá. Sim, Marilda estava quase noiva de outro quando se apaixonou por Armando.

Havia namorado por muitos anos com um rapaz de São Paulo e ele nunca havia aceitado bem esse término. Quando ficou sabendo que a ex-namorada iria se casar, começou a segui-la e fez até ameaças, lembrando-a de um ocorrido na mesma igreja no final dos anos 50 que ganhou as manchetes dos jornais: um ex-namorado que matou o noivo e atingiu a noiva. Por sorte, a turma de amigos do jovem casal era grande, e ficou de alerta na porta, para que o ex-namorado de Marilda não aparecesse. Deu tudo certo. E naquele dia, as lágrimas na igreja Santa Terezinha foram apenas de felicidade.

Armando tinha 28 anos. Marilda, 21. Estavam agora casados e o ex-namorado fazia apenas parte da história. Assim como as cartinhas, que não precisaram mais

ser enviadas, e as longas viagens de ônibus, que não precisaram mais ser planejadas.

Se o maior sacrifício de Armando eram as viagens de para vê-la durante o namoro, o de Marilda foi mudar-se de Estado e deixar a família após o casamento para morar com ele, no RS. Após a celebração religiosa no final daquele dia, houve festa no tradicional Clube Homs para mais de 200 pessoas. “A festa teve a ver com nós,” eles contam. O pai de Marilda deu a eles um carro e eles foram dirigindo até Porto Alegre no dia seguinte, parando em várias cidades, como Curitiba e Florianópolis, com o veículo cheio com a mudança de Marilda. Estavam prontos para começar uma nova vida. Agora lado a lado.

A Estrela Brilha

Essa transição e mudança de Estado, que para muitos pode ser complicada, foi tranquila para o casal. Marilda logo adaptou-se à família e aos amigos de Armando, além do clima da cidade, muito diferente de onde morava. Sentia saudades dos pais, claro, mas eles a visitavam sempre que possível.

O pai de Armando, João, alugou para eles um apartamento no bairro Auxiliadora. E logo depois, Marilda ficou grávida pela primeira vez. Ana Paula nasceu em 1968. Quando tinha apenas um ano de idade, ganhou uma irmã (não planejada, porém igualmente amada): Maria

Fernanda, em 1969. Em 1972, mais uma surpresa: Lígia.

"Armando e Marilda" agora eram "Armando, Marilda, Ana Paula, Maria Fernanda e Lígia" e ter uma família, especialmente com três meninas, os encheu de felicidade! E de trabalho.

A mãe de Armando, Zilda, que morava com eles, cuidava da casa (já era uma segunda residência, não mais o apartamento), enquanto Marilda dedicava-se a cuidar das crianças. Armando seguiu trabalhando como contador, depois virou financeiro de uma empresa. "Ele foi um pai incrível, que participou de tudo," diz Marilda. "E foi ficando mais fácil. Uma filha foi cuidando da outra também," explica Armando.

Eles não sabiam o sexo das bebês até o nascimento de cada uma delas, pois não se fazia ecografias. Então todos os nascimentos foram uma agradável surpresa. "Nasceu a primeira mulher, nasceu a segunda, e na terceira, até estávamos esperando um menino, mas o pediatra veio dar a notícia e era mulher de novo!", lembra o pai. "Aí eu falei: 'Sabe de uma coisa? Tá tão bom assim que se vier um homem vai estragar tudo. Aí eu coloquei o DIU,'" diz Marilda, com sinceridade.

A família morava perto do Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão, então, mãe e filhas fizeram muitos passeios por lá. Quando a filha mais nova já tinha uns três anos, Marilda decidiu voltar a trabalhar fora e começou um emprego em uma confecção de roupas perto de casa, onde depois trabalhou como gerente

durante muitos anos.

Tanto Marilda quanto Armando foram (e ainda são) muito felizes com a experiência de serem pais. Acompanharam de perto o crescimento das três filhas e fizeram questão de passar a elas os ensinamentos que consideraram mais importantes: a educação e a fé. As meninas estudaram em bons colégios e faculdades e seguiram o que aprenderam em casa: acreditando na importância de Deus.

O casal estabeleceu-se em Porto Alegre e não quis mais sair da cidade. Por muitos anos, a mãe de Armando morou com eles na mesma casa. Depois, a mãe de Marilda, quando ficou viúva, também mudou-se para lá. A vida de Armando em casa, portanto, era totalmente cercada por mulheres: a esposa, as três filhas, a mãe e a sogra. E a cadelinha da família, Mimososa. As filhas lembram até hoje, com bom humor, que ele reclamava dos gastos com tantas mulheres na mesma casa, especialmente com papel higiênico. Certa vez, chamou todas para uma conversa e deu a cada uma um pedaço de papel higiênico: "Esse é o teu pedaço de papel para o dia." Teve até quem tentou barganhar com outra por mais papel.

Todos os anos a família ia para a mesma praia, Pinhal, RS. Iam todos de Fusca. Quase todos. Como não cabia todo mundo, Fernanda e uma das avós iam de ônibus e o restante da família (incluindo Mimososa), iam de carro com o pai.

Apesar de a casa ser lotada, Armando e Marilda não

deixaram que isso afetasse o casamento. Se ele tinha a sua paciência testada por seis (!) mulheres, Marilda tinha que manter a calma com mãe e sogra dando pitacos no casamento e na criação das meninas. Não foi fácil para nenhum dos dois. Mas tudo passou.

Na adolescência, Armando fazia marcação cerrada com as meninas e seus namorados: chegou até a criar um cartãozinho para cada um, chamado "Cartão do Peru", onde ele colava a foto de cada namorado. O cartão dava ao sujeito direito de almoçar tantas vezes na semana, entre outras regalias na casa dos sogros. Quando ele não estava, quem assumia esse papel de general era a mãe dele, avó das gurias.

As filhas foram crescendo. E como as filhas são do mundo, Marilda e Armando as viram sair de casa, uma a uma.

Todas seguiram a trajetória da mãe: que se mudou de cidade sem problemas de adaptação. Para as três, a mudança e o movimento sempre foram essenciais. Ana Paula hoje vive em Canela e Novo Hamburgo, e já morou em Gramado. Maria Fernanda hoje mora em Florianópolis, e já morou na Bélgica e no Canadá. Ligia hoje mora em Rio do Sul, e já morou em Caxias do Sul, Canoas e São José dos Pinhais.

As despedidas sempre foram tristes, mas ao mesmo tempo, os pais tiveram certeza de que as filhas estavam bem encaminhadas para seguirem seus próprios caminhos. Bem distintos, por sinal. Ana Paula é veterinária

e está se preparando para virar sommelier, Maria Fernanda é profissional de educação física e dona de uma pousada, e Ligia é fonoaudióloga.

Amor não é brinquedo

Há quase duas décadas, Armando e Marilda moram em um aconchegante apartamento no bairro Tristeza, em Porto Alegre, um dos locais que mais gostaram de viver: com infraestrutura para que não precisem se deslocar para o centro de Porto Alegre, mas com tranquilidade para que possam viver a aposentadoria com o silêncio que ela pede.

As filhas, mesmo que cada uma em uma cidade, estão diariamente em contato. E sempre que possível, a família toda se encontra.

Um encontro que ficou para a história foram as Bodas de Ouro do casal, que completou 50 anos de casamento com uma grande festa surpresa, organizada pela família. “Nós íamos fazer uma festa só com as gurias, uma coisa simples, mas elas já tinham organizado uma baita festa!”, contam. “Até hoje somos assim, festeiros,” diz Marilda. “Nós passeamos bastante, fomos a muitas festas. Tinha um clube de chorinho que nós íamos todas as quintas-feiras. Esse pessoal que tocava no clube, inclusive, veio tocar na nossa festa de 50 anos de casados. Adoramos um baile.”

O casal também fez algumas viagens memoráveis, como Salvador e Rio de Janeiro, além do Uruguai e Argentina, onde passearam de carro conhecendo as cidades.

Quando a filha Maria Fernanda estava na Bélgica, Marilda foi visitá-la duas vezes. Armando ficou em casa. E essas foram praticamente as únicas noites que o casal passou separado em mais de 50 anos de casamento. Fato tão marcante que é citado por eles como um dos momentos mais difíceis desses anos todos. “Ela foi para a Europa e eu fiquei sozinho,” ele diz. “É, ele ficou angustiado,” reconhece a mulher.

Não é todo casal que sequer dorme junto após tanto tempo. Casal que conta os dias que dormiu separado, então... muito raro. A falta de Marilda abalou tanto Armando durante essas viagens que até algumas coisas estranhas aconteceram: certa vez, quebrou o pé e precisou que uma filha ficasse com ele. Em outra, o chuveiro caiu em sua cabeça enquanto ele tomava banho. Armando sobreviveu à falta de Marilda sem grandes sequelas (apesar de se lembrar com pesar até hoje dessas semanas). E de lá para cá, faz tempo que eles não se separam, mesmo que apenas por alguns dias.

Canta Canta, Minha Gente

Os dois acreditam em destino. “Era para ser assim,” diz Armando. “Não sei agora, até quando nós vamos,” ele finaliza, com um certo ar de preocupação.

Na rotina, hoje mais tranquila, do casal, sobra tempo para algumas coisas que antes não eram possíveis. Há uns dois anos, Armando releu todas as mais de 200 cartas que ele e Marilda trocaram durante o namoro, pois ele guardou todas as cartas que recebeu. E ela fez o mesmo. “Eu achei fantástico!”, conta ele. “E demos muita risada, pelo jeito de escrever, como estávamos apaixonados,” diz Marilda.

Prestes a completar 56 anos de casamento (em abril de 2022), o casal orgulha-se, especialmente, de nunca ter se separado ou de ter tido uma briga séria. Os dois dizem que não achavam que chegariam a tanto tempo juntos, mas foram vivendo o dia a dia. E, mesmo sem planejar, chegaram até aqui. Sem nunca ter ido para a cama sem se falar. “E uma coisa que muita gente faz quando se casa é trair. Eu posso dizer que eu nunca traí a minha esposa. E olha que eu tive oportunidades, principalmente onde eu trabalhava,” diz Armando, com orgulho. “É verdade, eu lembro que tinha uma guria que dava em cima dele,” lembra Marilda.

“Para mim, o nosso relacionamento hoje é melhor impossível,” explica Armando. “Eu também acho. Graças a Deus, a gente se dá muito bem. Eu tenho muita paciência

e ele também tem muita paciência comigo, não reclama de nada. O que eu fizer para comer, ele come," conta Marilda. Há uma divisão de tarefas na casa, o que também contribui para a harmonia do casal. Ela faz almoço e janta, ele prepara o café da manhã. Todos os dias, quando Marilda levanta, a mesa já está posta.

Os dois gostam de ocupar seus dias com atividades diferentes: Armando aprecia a tranquilidade da TV e do sofá, onde não perde um jogo do Grêmio. Marilda prefere sair para suas atividades (pilates, massagem e outros tratamentos). Ela também reza com mais frequência que o marido, mas diz que faz questão de rezar perto dele, e em voz alta, para que ele escute e receba as bênçãos.

Com a pandemia de 2020, ficaram mais em casa, mas até então, viviam na estrada: Florianópolis, Canela, Caxias, sempre indo visitar as filhas e netos. Hoje, Armando já não quer mais dirigir, então eles fazem esses trajetos de ônibus.

Os netos são um capítulo muito especial na vida deste casal. Tanto que hoje eles se chamam de "vó" e "vô" até entre eles. Ter se transformado em avós foi uma experiência fantástica, eles contam. "Um neto é um filho com mel," Armando adora dizer.

Avós e netos são muito apegados, mesmo morando em cidades diferentes. Eles já passaram longos períodos na casa dos avós e Marilda e Armando ajudaram a cuidar de quase todos nos seus primeiros anos. Hoje, comunicam-se com muita frequência e se visitam sempre

que dá. São seis: Alessandra (nascida em 1996), Mariana (1997), Laura (1998), Lucca (1999), Pedro (2002) e Antônio (2007). Primeiro as três meninas (para somar ainda mais às mulheres da vida da Armando) e depois os três meninos.

Quando Fernanda ficou grávida de Alessandra, veio da Bélgica para o Brasil e ficou na casa dos pais. Quando Ana Paula teve Mariana, estava no fim da faculdade, então, precisou ficar em Porto Alegre para terminar o curso. Ela e a bebê passaram os dias de semana na casa de Armando e Marilda durante um ano, o que estreitou ainda mais os laços da neta com os avós. E Marilda levava as duas pequenas, Alessandra e Mariana, passear no Parcão, como fez com as filhas. Quando Lucca nasceu, Armando e Marilda foram a Floripa por várias semanas, para ajudar a cuidar dele. E para São José dos Pinhais, para cuidar de Antonio. Marilda também cuidou de Pedro, em Canoas, e de Laura, em Novo Hamburgo. Sempre voltou para casa todo fim do dia para dormir com Armando.

As três filhas (e os netos) sempre souberam que podiam contar com os pais. A vida dos avós, desde que se tornaram “vó Marilda” e “vô Armando”, ficou totalmente dedicada aos netos. Mesmo hoje, depois de crescidos, os netos estão presentes na vida dos dois. Mariana ficou morando com eles durante a semana enquanto cursava a faculdade, e Laura hoje passa alguns dias por semana na casa dos avós para poder trabalhar em Porto Alegre.

Para os netos, assim como para as filhas e genros, além de outras pessoas da família e amigos, o relacionamento

de Armando e Marilda é inspiração. Não só porque dura muito tempo, mas por causa da maneira que lidam com esse tempo: sempre com muita leveza. "A receita para tantos anos juntos é aceitar o outro, principalmente com o passar da idade," reflete Armando. "Não tentar mudar a pessoa, não querer que ela seja algo que ela não é," completa Marilda. "E tem que ter amor. Se um casamento não tem amor, é como uma flor que não é regada. Ela vai murchando."

Aos 56 anos de casamento (58 que se conhecem) o amor de Armando e Marilda está longe de murchar. Suas flores seguem vivas, inspirando outras flores a serem tão bem cuidadas quanto.



Anos de namoro, época em que se escreviam cartas.



Noivado, após dois anos juntos.



Casamento em São Paulo, em 16 de abril de 1966.



Cerimônia religiosa na igreja de Santa Terezinha.



Durante a festa de casamento, no Clube Homes.



Registros do dia do casamento civil.



Acima: Armando e as meninas, em um verão.
Abaixo: Marilda e as filhas na praia de Imbé.



Acima: Chevette que acompanhou a família em muitas viagens.
Abaixo: Em um acampamento, uma de muitas aventuras com a família.



Marilda e Armando com filhas, em Pinhal.



Celebração de 50 anos de casamento.



Acima: com as filhas Ana Paula, Ligia e Maria Fernanda, e o sobrinho Mauricio, em momento muito especial da visita dele ao Brasil.

Abaixo: mais um momento com a família reunida (sempre de muita alegria aos avós). Na foto: Antônio e Mariana (embaixo). Miguel, Paula, Armando, Marilda, Pedro, Fernanda, Ligia, Laura e Gabi.



Acima: em Nova Petrópolis/RS, os netos Pedro e Lucca levando a avó para passear.

Abaixo: na mesma cidade, as filhas Ana Paula, Fernanda e Ligia, sob o olhar atento de Armando.



"A receita para tantos anos juntos é aceitar o outro, principalmente com o passar da idade," diz Armando.



"O casamento tem que ter paciência e amor. Se não tiver amor, é como uma flor que não é regada. Ela vai murchando", diz Marilda.



As mais de 200 cartas de amor, guardadas até hoje.



No fim do ano em que completaram 55 anos juntos.



Com os netos, o genro e as filhas.



Com os netos, "filhos com mel", como diz Armando.



Reunidos com as três filhas, que hoje moram em cidades diferentes.

Dos netos para os avós



Acima: Com os netos Antônio, Pedro, Lucca, Laura, Gabriel (neto emprestado), Mariana e Alessandra. Foto feita em um Natal em Canela, RS.

Abaixo: Alguns anos depois, os netos já maiores, mas sempre agarrados aos avós: Laura, Mariana, Alessandra, Antônio, Lucca e Pedro. Foto feita em Ibiraquera, SC.

Querida Vózinha e Vôzinho,

Quero agradecer por todas as coisas que vocês fizeram por mim. Por sempre terem estado ao meu lado. Pelo pãozinho com nutella e pelo meu tetê. Pelas historias e pelo sambinha. Pelos valores que me ensinaram. Por cuidarem de mim quando estava triste, e sempre acreditarem em mim.

Eu aprendi muito com vocês, principalmente sobre o amor. Vocês são o melhor exemplo de os opostos se atraem, um sempre de casaco e outra sempre suando. Sempre juntos pelo o que der e vier. Os seus sorrisos contagiam. Vocês construíram uma família linda, e o amor entre todos nós é muito especial.

Por todas essas coisas e muito mais, eu te agradeço, Vó e Vô. E mesmo estando longe, vocês sempre estarão pertinho de mim.

Com muito amor,
Lelê

Vó e vô,

Primeiro, eu queria agradecer vocês, por serem pessoas maravilhosas, que passaram por tantas histórias, como a gente viu nesse livro, para construir e manter essa família, que hoje são as pessoas que mais amam vocês no mundo inteiro! É muito especial estar escrevendo aqui para vocês, pois eu sinto um orgulho imenso de ser neta de vocês e de fazer parte dessa família tão unida.

Segundo, eu queria dizer que vocês são exemplo de tanta coisa na nossa vida, de perseverança, de união, de companheirismo, até de paciência hehe, mas principalmente de amor, e de como o amor resiste mesmo após tantos anos! Mesmo com todas as diferenças de vocês, a vó mais conversadeira, o vô mais calmo, a vó querendo estar sempre passeando e o vô sempre melhor no conforto do seu lar, vocês encontraram igualdade, parceria e um convívio constante, onde um não vive sem o outro.

Eu fico tão feliz de ser um resultado dessa história, e saibam que na minha história vocês são essenciais. Vocês que cuidaram de mim quando minha mãe ia para a faculdade de veterinária, e depois continuaram cuidando, quando, muitos anos depois, foi a minha vez de ir para a faculdade de veterinária. Lembro de quando eu era pequena e ouvia as músicas que falavam sobre Porto Alegre, eu chorava toda vez que ouvia, da saudade que eu tinha de vocês. Lembro que não tinha uma vez que a gente tivesse que se despedir, que eu não escorria em lágrimas. Vocês acompanharam todos os passos da minha vida, e eu espero que continuem acompanhando, por muitos e muitos anos! Espero que vocês gostem de ver a história de vocês escrita em um livro!

“Alguns laços são tão fortes, bonitos e intensos que, ao tentar explicar, a gente só consegue agradecer.”

Amo vocês demais, pro resto da minha vida!

Mariana

Voia e voio!

Que história linda que vocês têm, história essa, que acredito que nunca terá um fim, pois tenho certeza que assim como eu, todos da família vão continuar contando sobre vocês e com muito orgulho!

Com certeza muitas coisas mudaram durante tantos anos, mas o que tenho absoluta certeza em dizer que não mudou é meu carinho, amor e admiração por vocês. Vocês são duas pessoas incríveis, que formaram uma família linda e unida. Sou muito feliz em fazer parte disso, em ter duas pessoas tão maravilhosas para me inspirar e saber que independente de qualquer coisa, vão fazer de tudo por mim!

Espero que com esse presente vocês consigam sentir o tamanho do amor que sentimos por vocês e consigam voltar um pouquinho no tempo e ver como a história de vocês é linda.

Obrigada por serem tão especiais, presentes, amorosos e carinhos, vocês me inspiram muito para ser uma pessoa melhor, me inspiram em ver o que companheirismo realmente significa, obrigada por terem lutado por ter a família que temos hoje, porque é a coisa mais importante pra mim! Amo muito vocês.

Laura

Voiaa e Voioo, sabem aquela música do Martinho que diz (ler cantarolando) "Melhor é viver cantando as coisas do coração"? Pra mim é impossível ouvir ela e não lembrar de vocês dois. É incrível, e muito engraçado, que duas pessoas consigam transmitir e vivenciar, de formas muito diferentes, o mesmo jeito de levar a vida, cantando as coisas do coração. É uma sensação tão boa estar perto de vocês, que fica difícil de expressar.

Só tenho a agradecer a vocês dois; por serem tão especiais, por serem tão amorosos, por serem tão acolhedores, enfim, por tudo mesmo.

Amo muito vocês e que possamos (cantarolar, novamente) cantar sempre que for possível, não ligar pros malvados, perdoar os pecados...

Beijo do netinho,
Pedro

Para começar a falar sobre esses avós tão queridos, é preciso entender que eles não são um casal que nem os outros, eles são os personagens principais. Sempre que eu vi os dois juntos eu achei que eles eram perfeitos. Minha vó sempre alegre e feliz, e um avô resmunguento mas muito querido. Estando longe deles me deixa muito triste, pois eu lembro dos momentos que eu estava com eles e sentia falta.

Quando jogamos cartas juntos, tomamos chimarrão, passeamos e comemos juntos. O amor desses avós é tão imenso que às vezes parece que eles mesmos esquecem nos argumentos por tentar se protegerem tanto. Não sei o que seria um sem o outro, pois eles fazem tudo juntos. Que venham muitos anos de alegria para esses avós, e espero passar mais tempo com eles para aprender mais lições na vida, com esse avô tão sábio e aprender ser tão otimista como essa avó tão querida.

Espero que eu tenha uma vida maravilhosa como a deles, com um parceiro perfeito, filhas, netos e saúde. Obrigado por tudo, vóia e voio.

Com muito amor,

Lucca

Voia e voio!

Vocês sempre foram muito importantes para mim.

Eu lembro sempre quando eu estava com a vó e via um bichinho e falava "ó bissu". Até hoje a vó lembra disso também. E quando eu via os cavalinhos com o vô, era muito legal.

Vocês são os melhores avós do mundo, tanto meu vô quanto minha vó.

Eu amo muito vocês!

Um beijo,

Antônio



Marilda, considerada o anjo da família, com sua fé inabalável está sempre orando por todos e pedindo a proteção divina.



Armando, o mais sério, tem seu jeito durão, mas nunca perdeu o espírito brincalhão.